

19. A Fé do Centurião e a Subversão dos Valores Religiosos pelo Reino de Deus (Lc. 7:1-10)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 24/01/2026 12:02

A Narrativa de Lucas e o Cenário Histórico (Lc. 7:1-10)

Para compreender a profundidade do encontro entre Jesus e o Centurião de Cafarnaum, é essencial evitar a leitura fragmentada das Escrituras. O Evangelho de Lucas não é uma coleção aleatória de versículos isolados, mas uma narrativa expositiva e ordenada, dirigida a um homem chamado Teófilo. O objetivo de Lucas é apresentar uma lógica sequencial sobre o Reino de Deus e a identidade do Rei, Jesus Cristo.

Ao chegarmos ao capítulo 7, o leitor já foi conduzido por uma série de eventos cruciais: a pregação de Jesus em Nazaré, a cura de leprosos e paráliticos, e o crescente conflito com as autoridades religiosas judaicas a respeito do jejum e da guarda do sábado. Imediatamente antes deste episódio, Lucas registra o que chamamos de "Sermão da Planície" (similar ao Sermão do Monte em Mateus), onde Jesus delineia os valores do Reino: amar os inimigos, não julgar e reconhecer que a árvore boa dá bons frutos.

É neste contexto de tensão religiosa e definição de Reino que Lucas introduz o episódio do Centurião. O texto bíblico narra:

"E, quando acabou todas as suas palavras ao povo que o ouvia, entrou em Cafarnaum. E o servo de um certo centurião, a quem este muito estimava, estava doente, e moribundo. E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo." [\(Lucas 7:1-3\)](#)

A Estrutura do Texto e o Foco Narrativo

Uma análise atenta da estrutura literária de Lucas 7:1-10 revela uma intenção teológica clara. O relato ocupa dez versículos. Destes, nove são dedicados à descrição da interação, do diálogo, da intercessão dos anciãos e da mensagem de humildade enviada pelo Centurião. Apenas o último versículo relata o milagre em si:

"E, voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo." [\(Lucas 7:10\)](#)

Isso indica que, para o evangelista, o foco central não é a fenomenologia do milagre ou o "poder de cura à distância", embora isso seja um fato incontestável da narrativa. O foco recai sobre **quem** está envolvido e a **natureza da fé** demonstrada. Diferente de expectativas contemporâneas que buscam fórmulas ou rituais de cura (sopros, gestos ou palavras de ordem), Jesus sequer realiza uma oração específica descrita no texto. A cura acontece em resposta a uma compreensão de autoridade, não a um ritual.

O Contexto Político e Social: Roma e Israel

A figura do Centurião é um elemento de choque cultural e religioso. No cenário do primeiro século, Roma era a força opressora. O Império Romano subjugava Israel, cobrava impostos e mantinha a

"Pax Romana" através da força militar. Para um judeu comum, um soldado romano representava o inimigo, a gentilidade e a impureza.

A estrutura de poder da época era complexa:

- **Roma:** Detinha o poder militar e político supremo.
- **A Religião Judaica (Templo/Sinédrio):** Mantinha um acordo político com Roma. Os romanos permitiam o funcionamento do Templo e o comércio religioso em troca de ordem social e controle da população.
- **O Povo:** Vivia oprimido tanto pela carga tributária de César quanto pelas exigências rituais e financeiras da religião institucionalizada.

Neste ambiente, surgiam grupos de resistência como os **Sicários** (que assassinavam soldados romanos) e os **Zelotes** (que incitavam a revolução armada). Contudo, o Centurião descrito em Lucas 7 rompe com o estereótipo do opressor cruel.

Ele é apresentado com características singulares que subvertem a expectativa:

1. **Amor pelo Doulos:** O texto grego utiliza a palavra *doulos* para descrever o servo doente. *Doulos* refere-se a um escravo, a posição mais baixa da escala social, muitas vezes visto apenas como uma ferramenta de trabalho ou propriedade. O fato de um oficial romano "estimar muito" (amar) um escravo a ponto de buscar ajuda milagrosa é um indício de que os valores do Reino de Deus já permeavam aquele homem, mesmo ele sendo um gentio.
2. **Relação com os Judeus:** Ele financiou a construção da sinagoga local.
3. **Intercessão dos Anciãos:** Os anciãos dos judeus (presbíteros), que normalmente seriam hostis aos romanos, intercedem por ele junto a Jesus, dizendo: "*Ele é digno de que lhe concedas isso, porque ama a nossa nação*".

Portanto, o cenário histórico montado por Lucas prepara o leitor para um paradoxo: enquanto os líderes religiosos de Israel rejeitavam e perseguiam Jesus, um oficial do exército opressor demonstrava sensibilidade, humildade e fé. O Reino de Deus começava a se manifestar em lugares inesperados, desafiando as fronteiras étnicas e religiosas estabelecidas.

A Natureza da Fé: Reconhecimento de Autoridade versus Pensamento Positivo

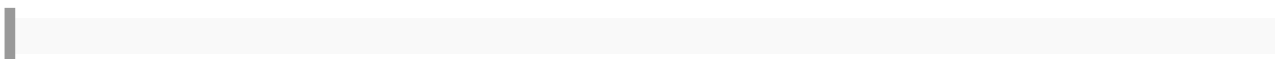
Um dos pontos mais cruciais na análise deste texto de Lucas é a redefinição do conceito de fé. Frequentemente, no imaginário popular e em certas vertentes religiosas contemporâneas, a fé é confundida com uma espécie de força mental ou persistência psicológica. Associa-se o ato de crer a um exercício de repetição, onde se "acredita, mentaliza, profetiza e decreta" até que a divindade seja convencida a agir. Nessa visão distorcida, Deus torna-se um agente passivo que reage à intensidade da pressão humana, como se a fé fosse um mecanismo para dobrar a vontade divina.

No entanto, a narrativa do Centurião desconstrói essa ideia de "fé como ferramenta de manipulação". A fé que impressionou Jesus não foi uma tentativa obstinada de acreditar no impossível, mas sim um reconhecimento lúcido e humilde de **autoridade** e **submissão**.

A Lógica da Autoridade

O Centurião, sendo um homem militar, compreendia o mundo através da hierarquia e do comando. Ele sabia que sua autoridade sobre os soldados não emanava de sua força física pessoal, mas da posição que ocupava dentro do Império Romano. Da mesma forma, ele reconheceu em Jesus uma autoridade espiritual suprema, que não dependia de presença física ou rituais para ser exercida.

A mensagem que ele envia a Jesus pelos seus amigos revela essa compreensão profunda:



"Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado. [...] Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz." [\(Lucas 7:6-8\)](#)

O raciocínio do Centurião é lógico: "Se eu, um homem limitado e subalterno a Roma, tenho autoridade para que minhas ordens sejam cumpridas à distância, quanto mais o Senhor (Kyrios), que tem autoridade sobre a vida e a morte, a saúde e a doença".

Kyrios: A Confissão de Senhorio

Um detalhe linguístico de extrema importância é o uso do termo *Kyrios* (Senhor). Enquanto os líderes religiosos judeus — fariseus e doutores da Lei — questionavam a identidade de Jesus, acusando-o de blasfêmia por perdoar pecados ou violar o sábado, um gentio romano o trata com a máxima deferência.

A fé bíblica, ilustrada aqui, não é "acreditar que vai dar certo", mas "acreditar em Quem manda". É a rendição à soberania de Cristo. O contraste é gritante:

- **A religião institucional** sentia-se no direito de julgar Jesus, colocando-se em uma posição de superioridade moral e teológica.
- **O Centurião**, detentor de poder militar, coloca-se em posição de inferioridade absoluta, declarando-se indigno até mesmo de receber Jesus em sua casa.

O Espanto de Jesus

O texto relata uma reação rara de Jesus: a admiração.

"E, ouvindo isto Jesus, maravilhou-se dele, e voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé." [\(Lucas 7:9\)](#)

Jesus não se maravilhou com a capacidade do Centurião de "pensar positivo" ou de realizar rituais complexos. Ele se admirou porque encontrou, fora dos muros da religião organizada e dentro da casa de um suposto inimigo, alguém que compreendia a essência do Reino: a submissão total ao Rei.

A "grande fé", portanto, não é aquela que grita mais alto ou exige milagres com arrogância, mas aquela que se curva com humildade, reconhecendo sua própria indignidade e a absoluta suficiência da palavra de Cristo. Basta uma palavra d'Ele, e a realidade é alterada. Isso remove o peso da performance humana na obtenção do favor divino e coloca o foco inteiramente na soberania de Deus.

O Reino de Deus Manifestado Fora das Estruturas Religiosas

Uma das lições mais provocativas extraídas do relato de Lucas é a desvinculação entre o Reino de Deus e as estruturas religiosas institucionais. Tradicionalmente, buscava-se a presença divina no Templo, nas sinagogas e entre aqueles que detinham o conhecimento formal da Lei. No entanto, a narrativa do Centurião de Cafarnaum inverte essa lógica geográfica e institucional, demonstrando que o Reino de Deus não é um lugar físico ou uma denominação, mas uma esfera de soberania.

O princípio fundamental é simples: **o Reino de Deus está onde o Rei reina.**

A Geografia Espiritual do Reino

Naquele contexto histórico, Israel orgulhava-se de ser o povo eleito, guardião do Templo e da Torá. Entretanto, [\(João 1:11\)](#) registra uma tragédia espiritual: "*Veio para o que era seu, e os seus não o receberam*". Enquanto Jesus enfrentava resistência, ceticismo e perseguição dentro das sinagogas — o ambiente "sagrado" por excelência —, ele encontrou acolhimento, submissão e fé na casa de um oficial romano — um ambiente considerado "profano" e impuro pelos judeus.

Isso nos leva a uma reavaliação do que constitui um ambiente do Reino:

- **Não é definido por rituais:** A presença de símbolos religiosos, liturgias ou vocabulário específico (o "evangeliquês") não garante a presença do Reino.
- **É definido por valores e submissão:** Onde há justiça, misericórdia, amor ao próximo e reverência a Cristo, ali o Reino se manifesta, independentemente da placa na porta.

O texto sugere que havia mais "Reino de Deus" na atitude do Centurião gentio do que na ortodoxia fria dos fariseus. O oficial romano, embora parte de um sistema opressor, agia com compaixão para com um escravo moribundo e com reverência para com Jesus. Em contrapartida, muitas vezes a religião oficial estava mais preocupada em manter seus privilégios, suas regras de sábado e suas hierarquias do que em socorrer o aflito ou reconhecer o Messias.

A Irrelevância dos Rótulos

A narrativa desafia a noção de que pertencer a um grupo religioso garante o favor divino. O Centurião não precisou se tornar um prosélito judeu, ser circuncidado ou frequentar o Templo para acessar a graça de Jesus. Ele acessou o Reino através da fé e da humildade.

Isso levanta uma questão contemporânea crucial: a distinção entre ser "evangélico" (como um rótulo cultural ou sociopolítico) e pertencer ao Evangelho. O rótulo "evangélico" ou "cristão" pode ser ostentado por indivíduos que, na prática, reproduzem a arrogância dos fariseus e a opressão dos sistemas mundanos. Por outro lado, o espírito do Evangelho pode florescer em corações que, tal qual o Centurião, talvez não possuam a teologia sistemática perfeita, mas possuem uma postura de rendição e amor prático.

"Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores..."
[(Mateus 8:11-12)]()

Esta advertência de Jesus, feita no contexto da cura do servo do Centurião (conforme o relato paralelo de Mateus), reforça que a cidadania no Reino não é hereditária nem institucional. Ela é dinâmica e relacional. O Reino subverte as expectativas humanas: os que se consideram "de dentro" podem estar fora se não tiverem o coração do Rei, e os que parecem "de fora" podem estar dentro, se manifestarem a fé e os frutos do Rei.

Portanto, procurar Deus apenas dentro das quatro paredes de uma instituição pode ser um erro fatal. Ele pode estar operando poderosamente "na casa do romano", isto é, em esferas da sociedade onde a religiosidade não é aparente, mas onde a justiça e a graça estão sendo vividas de forma genuína.

A Subversão das Hierarquias: Dignidade, Serviço e Amor ao Próximo

A chegada do Reino de Deus, anunciada por Jesus, não propõe apenas uma reforma espiritual íntima, mas provoca uma ruptura radical na lógica das relações humanas e sociais. O episódio do Centurião de Cafarnaum é um exemplo prático dessa subversão de valores, onde as hierarquias de poder mundanas são viradas de cabeça para baixo pela ética do amor e do serviço.

A Dignidade do Invisível

No mundo antigo, a vida de um escravo (*doulos*) não possuía valor intrínseco. Aristóteles, por exemplo, referia-se ao escravo como uma "ferramenta viva". Se um escravo adoecia e não podia mais trabalhar, a lógica econômica da época ditava que ele deveria ser descartado, pois havia se tornado um custo inútil.

Contrapondo-se a essa mentalidade utilitarista, o Centurião demonstra um afeto profundo por alguém que a sociedade considerava "ninguém". [Lucas 7:2](#) destaca que o servo era "muito estimado" por ele. Ao se humilhar publicamente, enviando anciãos e expondo sua necessidade a um profeta judeu em favor de um "mero" escravo, o oficial romano estava, na prática, afirmando a dignidade humana daquele indivíduo.

Este ato é um sinal inequívoco do Reino. Enquanto os reinos humanos operam na base da exploração do mais fraco pelo mais forte, o Reino de Deus se revela no cuidado do poderoso para com o vulnerável. Onde há a valorização da vida, independentemente de status social ou utilidade econômica, ali o Espírito de Deus está operando.

A Inversão da Pirâmide de Poder

Jesus ensinou insistentemente que a grandeza no Reino de Deus não se mede pela quantidade de pessoas que servem você, mas pela quantidade de pessoas que você serve.

"Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve. Pois qual é maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve." ([Lucas 22:26-27](#))

A narrativa do Centurião expõe a falência moral das lideranças religiosas da época. Os fariseus e escribas, que deveriam ser os pastores de Israel, haviam construído um sistema de castas espirituais. Eles impunham fardos pesados sobre o povo, excluía os "pecadores" e desprezavam os doentes e marginalizados (como leprosos e paráliticos), preocupando-se mais com a pureza ritual do que com a misericórdia. Eram líderes que se serviam do rebanho.

Em contraste, o Centurião, um homem de guerra e autoridade, age como um servidor. Ele usa sua influência e recursos não para oprimir, mas para salvar. Essa atitude prefigura a obra do próprio Cristo, que, sendo Deus (o Senhor absoluto), esvaziou-se para assumir a forma de servo e morrer pela humanidade.

O Fracasso das Soluções Humanas

A reflexão sobre este texto nos leva a uma conclusão sóbria sobre as esperanças políticas e econômicas. Nem o "Mercado" (representado pela liberdade de comércio e troca) nem o "Estado" (representado pelo poder da lei e da força, como Roma) são capazes, por si sós, de resolver o problema da maldade humana ou de gerar verdadeira igualdade.

A estrutura romana trazia ordem, mas oprimia. A estrutura religiosa trazia leis, mas não trazia vida. A única força capaz de humanizar as relações e quebrar a barreira da indiferença é a graça divina que transforma o coração. Quando o Reino de Deus entra no coração de um homem — seja ele um Centurião, um político ou um religioso —, a ganância dá lugar à generosidade, e a opressão dá lugar

ao serviço.

Portanto, a cura do servo não foi apenas um milagre biológico; foi um milagre social. A fé daquele Centurião restaurou a saúde do escravo, mas também restaurou a humanidade nas relações dentro daquela casa, provando que o Evangelho tem o poder de derrubar muros e nivelar a todos no chão da graça.

Conclusão: A Supremacia do Evangelho do Reino sobre os Rótulos Religiosos

A análise do encontro entre Jesus e o Centurião de Cafarnaum nos conduz a uma reflexão final e perturbadora sobre a identidade cristã contemporânea. A narrativa de Lucas expõe uma distinção nítida entre pertencer a uma religião institucionalizada e pertencer ao Reino de Deus. Enquanto a religião muitas vezes se ocupa com a manutenção de rituais, a preservação de tradições e o policiamento moral, o Evangelho do Reino se ocupa com a transformação da vida, a fé humilde e o amor prático.

Vivemos em um tempo onde o termo "evangélico" carregou-se de conotações políticas, culturais e mercadológicas que, não raro, distanciam-se da essência de Cristo. Muitos se orgulham do rótulo, defendem a "placa" da denominação com fervor, mas carecem da submissão e da compaixão demonstradas pelo oficial romano. O texto bíblico nos adverte que é possível estar dentro do templo, cercado de liturgias, e ainda assim estar longe de Deus. Inversamente, é possível estar em um ambiente considerado secular ou gentio e, ali, manifestar uma fé que deixa Jesus maravilhado.

A verdadeira fé não é uma moeda de troca nem uma ferramenta de domínio. Ela é o reconhecimento da nossa própria insuficiência e a rendição total à autoridade de Jesus. O convite que ecoa através dos séculos, a partir deste episódio em Cafarnaum, é para que abandonemos a superficialidade dos rótulos religiosos e mergulhemos na profundidade do Evangelho.

"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus." [\(Mateus 7:21\)](#)

Ser um "Centurião" nos dias de hoje significa ter a coragem de romper com as expectativas tribais. Significa estar disposto a amar quem a religião despreza, a servir aos "invisíveis" da sociedade e a reconhecer que a autoridade de Cristo está acima de qualquer ideologia política ou agenda eclesial.

O Reino de Deus é dinâmico e livre. Ele não pode ser engaiolado por dogmas humanos. Ele se manifesta onde há corações contritos e dispostos a dizer: "Senhor, eu não sou digno, mas apenas uma palavra tua é suficiente". Que a busca não seja por uma identidade religiosa que nos separe dos outros, mas por uma vivência do Reino que nos aproxime do Rei e, conseqüentemente, nos torne servos uns dos outros. No fim, não importa se o mundo nos vê como estranhos ou inimigos; o que importa é se o Rei reconhece em nós a fé genuína.

19 - **Não se preocupe em ser evangélico** - Zé Bruno - Meu Caro Amigo.
<https://www.youtube.com/live/r5slXA7o0us?si=aR57NqFzudCLPBJ6>